



03

H R B I T E R I

AMOR

CAMILA SOUT



# HABITAT

*AMANDA FORTES*

*AUGUSTO MENECHIN*

*BRUNO PEREIRA RODRIGUES*

*CAMILA SOUZA*

*CAROLINA FLECHA*

*DANIEL MELO*

*ESTELA LACERDA*

*GABRIEL GALBIATTI NUNES & VICTOR PRADO*

*GABRIELA ARAÚJO*

*JEFFERSON DE OLIVEIRA DIAS*

*JÉSSICA CARDIN*

*LESATH SOUZA RAMOS*

*LISANDRA MOREIRA*

*MARIA EDUARDA ÁVILA*

*MARIANA PELIZER DE ALBUQUERQUE*

*MICHELLE CAMPOS*

*PAULA GUARBERTO*

*PRISCILA LUANA*

*RENATO LIMB*

*VIVANE MARTINS CUNHA*



## **NOTA-SE**

*Por Gabriel Galbiatti Nunes  
& Victor Prado*

Na rotina, há um ciclo: trabalho, casa; casa, trabalho. Não vemos um sorriso há meses. No caminho da rotina, quando vemos pessoas andarem nas ruas, imaginamos, de olhos molhados, que embaixo daqueles panos ainda se escondem alguns sorrisos.

O presidente atual é mais assassino que os anteriores. Ele é um tumor que, agora, ataca nosso corpo social, depois de anos de má alimentação e falta de cuidados com a saúde. Ele pode ser removido, mas sabemos que, para dificultar o seu retorno e metástase, é necessário encher nossa rotina com hábitos mais saudáveis.

O presidente atual é o tumor social gerado pelos sujeitos ordinários. Vemos entre os sujeitos ordinários um desejo de morte latente e uma violência imperativa: são esses que matam crianças a tiros de fuzil dentro de suas próprias casas, que enviam anjos à uma queda livre de 35 metros, porque eles chamam pela mãe & que ao ouvirem I can't breathe pressionam ainda mais seus joelhos.

Hoje, escrevemos, pois temos medo da doença e sonhamos com o cuidado necessário para alcançarmos a saúde. Mas, sabe, alcançar este modo de escrita, em dias que toda a alegria fica escondida no rosto sob panos, não é fácil.

Correm, em muitas linhas em que são colocadas as palavras que compõem os textos desta revista desde a primeira edi-



ção, medos, angústias, desabafos cheios de imagens e alegorias que lutam contra o mundo proposto pelos sujeitos ordinários. Afinal, eles são um problema antigo.

Mas, há algo de diferente que tem se tornado mais frequente nos textos que recebemos. Esta coisa que falta não é um motivo pelo qual escrevemos, mas, por tê-la, sentimos a necessidade de escrever. Falamos, sim, da **esperança!**

Para sonharmos com a saúde deste corpo que junta a todos nós, é preciso **esperança**. Sentimos falta dela em tudo que temos lido. Pensamos: talvez seja a falta do descarrego gerado pelos sorrisos que, hoje, estão muito bem escondidos.

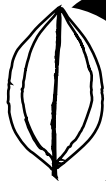
Por isso, a vocês, escritorxs e leitorxs que estão passando por aqui, falamos: é difícil acreditar no sol quando todos os dias são nublados, sozinhos, frios e de todas as notícias escorre sangue. Mas, por tudo, não deixem que suas poéticas caiam no desabafo do medo sem que elas carreguem o encantamento musical batucado pelos sonhos da literatura.

Escrevemos, hoje, para afirmar, mesmo que em meio a tropeços, que a esperança estará viva em nossos textos, em nossas ações e não desistiremos de cuidar, da melhor maneira possível, do corpo que junta a todos nós. Sabemos que não há doença que não possa ser curada, nem mal ao qual não caiba justiça.

Que a lembrança dos sorrisos aqueça nossos corações, que a certeza de nosso encontro, aqui, seja a força necessária para manter acesa a fagulha que nos move em direção à cura.

*Aja, coração,  
para continuarmos firmes.*

*Aja, coragem,  
para cuidarmos uns dos outros.*



**Gabriel Galbiatti Nunes & Victor Prado** são responsáveis, juntamente com **Lígia Sene**, pela **Artefato Edições**.



*Não basta não ser racista,  
é necessário ser antirracista.*

**Angela Davis**

# HABITAT

- 04     **NOTA-SE**  
*Gabriel Galbiatti Nunes & Victor Prado*
- 11     **VARAL**
- 13     **Nova revolução**  
14     **Guia da vida contemporânea**  
*Amanda Fortes*
- 15     **Vizinhança do indizível**  
17     ***A ave retraída***
- 18     **Depois de amanhã**  
*Augusto Meneghin*
- 19     **Breve reflexão sobre a coragem  
em tempos de pandemia**  
*Bruno Pereira Rodrigues*
- 22     **Fragmentos de quarentena**  
*Carolina Flecha*
- 24     **O amante**  
*Daniel Melo*



- 27 **Fique em casa**  
*Estela Lacerda*
- 29 **A fila anda**  
*Gabriela Araújo*
- 31 **A missão de restaurar e reerguer a pátria**  
*Jefferson de Oliveira Dias*
- 34 **Casulo**  
*Jéssica Cardin*
- 36 **Hortaliça**  
*Lesath Souza Ramos*
- 38 **Cortinas fechadas**  
*Lisandra Moreira*
- 40 **Quarentena**  
*Maria Eduarda Ávila*
- 42 **Fim do mundo**  
*Mariana Pelizer de Albuquerque*

- 45 **Desenho da minha vó que ficou igual minha mãe**  
*Michelle Campos*
- 46 **Pauladas pandemônicas**  
*Paula Guarberto*
- 49 **PORTA-RETRATO**  
*Camila Souza*
- 58 **Rádio relógio**  
*Priscila Luana*
- 60 **Sujeita**  
*Renato Limb*
- 61 **Por detrás das cortinas**  
*Vivane Martins Cunha*
- 64 **PUXADINHO**

# VARAL

Para manter nossa revista e demais projetos que estamos realizando, precisamos da sua ajuda, **visite nossa campanha financiamento coletivo e saiba mais.**

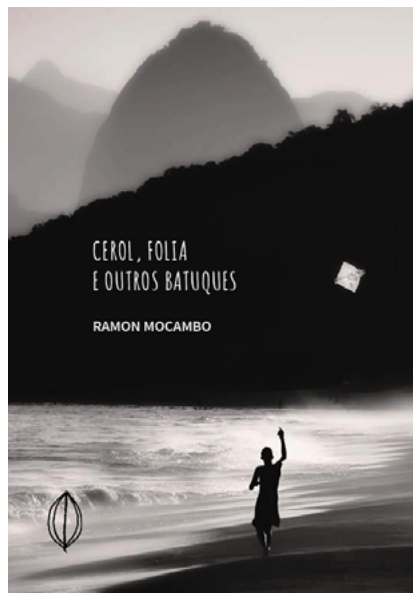
—

Errar é humano e mesmo quando prestamos muita atenção, às vezes, metemos o mindinho na quina da cama, da mesa, da porta, etc. Com sorte, isso não acontece (muitas vezes) em sequência. Por isso, abrimos a **Quinas**, a seção de erratas da **HABITAT**. Caso você note algo estranho ou algum erro nesta edição, nos sinalize por email: [conjuntoartefato@gmail.com](mailto:conjuntoartefato@gmail.com). Agradecemos o favor!

—

Neste mês, lançamos *Cerol, folia e outros batuques*, livro de poesias do escritor Ramon Mocambo. Este trabalho contém forte concentração de POESIA e sua leitura pode causar encantamento, reflexões intensas e perda irreversível de preconceitos! Para saber mais, visite nosso site.

Boa leitura e um forte abraço virtual,  
Artefato Edições | [artefato.art.br](http://artefato.art.br)



# HABITAT





## AMANDA FORTES //

22 anos e mineira da capital assina artisticamente como Power Flower. Há quem diga que, Power Flower nasceu em meio à solos de berimbau e guitarras nos devaneios noturnos, outrEs se arriscam a dizer que veio à vida pela estrada afora. Atriz, colagista, artista plástica, viajante e cigana de alma, se resume em breves palavras: um laboratório de experimentações. Atualmente cursa técnico, pelo senac, em teatro e publicidade. Também é membra do grupo de teatro Persona, atuando no amparo de cenário, iluminação e sonoplastia.



Acontece, na vizinhança do indizível, que algumas aves ficam retraídas. Não é ainda a última noite e o cristal da imagem derradeira ainda está suspenso, aguardando o momento de sua aparição. Acontece, como os corvos abrindo as asas depois da chuva, que a aparição aguarde a primeira clareira — a que permitirá o rebento. Não é ainda possível que a seiva da profunda terra, em seu anseio de subida, encontre a disposição do céu. São dias turvos os que encobrem esta era, dias que obrigam o esperar, dias em que o movimento se retrai ao aspecto de um novelo tão frágil quanto o vidro. Neste intervalo, cuja duração não sabemos mas que pressentimos pelo aproximar do indizível, há uma maior disposição para a percepção de que algo se partiu, de que algo quebrou e que cabe a nós promovermos a sua restauração ou o seu funeral. Este “algo”, contudo, tem em sua mistura um corpo que se desprende do indizível. Não é fortuito que apenas “algo”, um pronome indefinido substantivo, seja, talvez, aquilo capaz de nos dizer sobre o fenômeno. “Algo” quer dizer simplesmente que, diante do indizível, o que podemos apreender do ser é algo que assumiu o seu lugar. O rosto — aqui como uma metáfora para o corpo — daquilo que antes víamos parece estar manchado por algo que o substituiu em sua aparência, mas que permanece para muitos de nós ainda como o rosto habitual. Alguns pensam ser apenas passageira a neblina que recobre o rosto e que, passado algum tempo, ela se dissipará. Outros dizem que é o próprio rosto que está

16 passando de um estado para outro, como um envelhecimento que nos ocorresse em um breve intervalo de tempo. Mas como é possível que tais expectativas sejam verossímeis se tudo, neste momento, nos inclina para o indizível? Na vizi-nhança do indizível, a imagem derradeira permanece como um sonho em que os elementos todos estão aglutinados, partilhando milhares de significados sob o auspício de um desejo quase sempre não realizado. Assim, a imagem derradeira não está “oculta”, mas permanece em seu jogo de esconder e aparecer, ou seja, repousa em sua própria dinâmica e co-habita com diversas outras imagens, até que seu apelo crescente subjugue e suplante as imagens ordinárias. Assim, e somente assim, a imagem derradeira fará sua aparição, não unicamente naqueles que já a pressentiam, mas para a maioria de nós, como algo tangível e “real”.

O momento que nos encontramos, entretanto, nos permite apenas o vislumbre de que algo se partiu, de que “as coisas não serão mais como antes” e de que “algo está por vir”. Sim e não. Porque é uma qualidade da própria sucessão que tudo esteja submetido à mudança e ao devir em nossa compreensão habitual de tempo, mas é também verdade que as duas afirmações deixam entrever que a existência deseja mover-se em alguma outra direção que antes permanecia fechada pela força do hábito. Qual é esta outra direção é algo que não sabemos, já que ela permanecia completamente ignorada por nós. É possível que nós nunca a tenhamos visto, que ela seja um acontecimento como o amor na vida de uma pessoa, ou como a revolução na vida de um povo. É possível também que esta outra direção seja algo tão próximo a nós, que esteja tão em nossas mãos, que tenhamos esquecido completamente o seu sentido e que, agora, possamos ser recondu-



zidos ao seu caminho novamente. De qualquer modo, o que pressentimos é que nosso mundo quebrou-se como se diz de um vaso de cerâmica que se parte em muitos pedaços. Seria mesmo isto? Teria o vaso se partido apenas agora, ou estaríamos já há algum tempo caminhando sobre resquílios de vasos que ignorávamos?

A cultura japonesa e sua milenar sabedoria possuem um termo peculiar para objetos que se quebram e que são restaurados com uma fina mistura de pó de ouro e laca — Kintsukuroi, é o nome desta arte. Ela consiste em uma valorização afetiva do que perdeu a sua característica originária. A cicatriz que cada peça de cerâmica passa a ter é, ao mesmo tempo, um louvor à memória e à imperfeição, uma incorporação do que desviou-se de sua condição originária em uma nova condição — uma condição que atualiza o originário ao manufaturar simbolicamente o tempo. Em nossa era, contudo, o que seria capaz de re—ligar como um pó de ouro e laca aquilo que se quebrou e que desmorona diante de nossos olhos?

//

A ave retraída, portanto, não tem somente olhos de medo, mas também a impossibilidade de alçar vôo antes que a primeira clareira ressurgja depois da chuva ou tempestade.

//

Depois de amanhã florescerá  
a espiga interminável.  
Cruéis campos de abril, odores  
dos que passaram e agora são  
somente parte de uma mistura  
lilás do entardecer.

*29 e 30 de abril de 2020*



**AUGUSTO MENECHIN //**

[Araras, 1987] dedica-se à arte e ao silêncio que lhe é característico.



## BREVE REFLEXÃO SOBRE A CORAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA

19

Frente ao inimigo invisível que avança seu front sob as fronteiras de todos os países do mundo - iniciando um verdadeiro estado de exceção generalizado, a humanidade vive em ritmo de guerra; ao menos os países que não assumiram uma postura negacionista frente à realidade. Enquanto vários morrem sufocados em leitos de hospitais lotados, os médicos e enfermeiros - principais soldados nessa guerra sanitária - são enviados para o combate completamente despreparados, enfrentando um inimigo que paira no ar e nas superfícies, que invade através dos olhos e da boca. O comandante que supostamente deveria estar liderando essa batalha, já mostrou jogar em favor do inimigo e conseqüentemente, em favor da morte. A partir de dado momento na necropolítica as valas são todas rasas e comuns. O único deus presente na linha do equador e no trópico de Capricórnio que ocupamos é o Mercado ou Mamom, deus do dinheiro, que, assim como Moloch, requer sacrifícios para satisfazer o mercado; atualmente, seu sacrifício de preferência são os idosos, e Ele não faz questão de cerimônias fúnebres! Sacrifício que os mais jovens e saudáveis ficam encarregados de oferecer.

É inegável que vivemos atualmente em tensão de guerra onde duas batalhas simultâneas são travadas: uma contra o coronavírus e a outra contra os movimentos antidemocráticos e a “coroa” de um presidente autoritário que incita o retorno à ditadura e a ocultação dos fatos. Assim como a

pandemia, a ditadura militar brasileira deixou sua cota de mortos e desaparecidos em nossa história, e, ainda que sub-notificados, não devem jamais ser esquecidos.

Dentre as virtudes do homem, a mais necessária frente à morte e em tempos de guerra é a coragem, já o atestavam os antigos filósofos gregos como Platão e Aristóteles, cuja concepção da areté se relacionava com o meio-termo. Portanto, a coragem estava situada entre o medo e a bravura. Já para Platão a coragem está relacionada com o uso da razão a despeito do prazer e da dor; coragem seria defender seus princípios, independente dos desdobramentos favoráveis ou não, a despeito do copo de cicuta que sempre nos aguarda ao final de toda apologia!

Quanto a nós cidadãos, nem médicos tampouco soldados, ficamos emparedados em nossas casas, pois não podemos ajudar a curar e a cuidar; mas ainda assim, podemos morrer ou ajudar a matar nossos concidadãos. A nós, cabe muita coragem! Não coragem para sair às ruas, que se tornaram campos de batalha tomados por cortejos que negam a gravidade da pandemia e estimulam a volta à “normalidade” e o advento de um novo AI-5, mas sim coragem de nos mantermos firmes em isolamento social e de resistir à sociedade de consumo que, mesmo frente à possibilidade de uma nova ditadura, do aumento de mortos e colapso do sistema de saúde pública mantêm abertas as portas de seus templos comerciais!

Em poucas palavras, coragem para resistir às nossas paixões, vícios e prazeres diários, individuais que podem colocar a vida em risco; resistir aos templos de consumo; às caminhadas diurnas; passeios noturnos e aos encontros amorosos que já nos causam tanta saudade. Resistir à impo-

sição do lucro acima da vida e da verdade; coragem frente ao isolamento voluntário que se mostra mais difícil do que um verdadeiro lockdown, pois esse último não deixa brechas a tentações e fugas. Coragem para encarar a suspensão do tempo ordinário, para parar e pensar, abraçar os desvios... Coragem para dizer não (entre as trincheiras solitárias da nossa própria morada) ao avanço das forças antidemocráticas e autoritárias que tomam de assalto o poder e as ruas do país em cortejos triunfais, nas carreatas da morte! Coragem para aceitar que a normalidade nos trouxe até aqui e que à normalidade não podemos mais voltar! Coragem para lembrar e honrar os mortos do presente e do passado, coragem para dizer não, dizer basta! Coragem para que a história não se repita e coragem para mudá-la! Coragem para perceber e afirmar que não estamos todos no mesmo barco; mesmo frente à guerra e à morte existem ainda os privilegiados, os de cima e os de baixo! Coragem para se afastar de tudo e se reaproximar de si mesmo. Coragem... coragem... ainda que seja tarde demais, antes que seja tarde demais!

*10 de maio de 2020*



### **BRUNO PEREIRA RODRIGUES //**

Mineiro, licenciado e bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFU (PPGFIL-UFU). Pesquisa principalmente os seguintes temas: Filosofia da História, Filosofia Social e Teoria Crítica.



*Cheiro de mexerica*

Após sessenta dias de isolamento social, reinvento meu modo de estar nesse mundo em vertigem. Com força de vento, vou sacudindo as palavras que finquei na terra logo que surgiram as primeiras estórias sobre o vírus. Com a passagem dos dias, sinto o vigor do meu corpo. Planto outras sementes, que no tempo da natureza, serão árvores com frutos e meu desejo ainda estará vivo para tocá-los, cheirá-los e senti-los no céu da minha boca, até que possam nascer as palavras com cheiro de mexerica.

*Por um milésimo de segundo*

Coloco as mãos embaixo da água, sou uma concha. Um peixe luminoso vem dançar entre meus dedos. Eu e ele, por um milésimo de segundo, um só corpo. Composição desfeita. O peixe mergulha. Sou de novo, a solidão. Meu corpo permanece, quer outro milagre, as mãos embaixo d'água.

*Adeus, cara-pálida!*

Vozes ancestrais jorrando dentro de mim no tempo da quarentena: “Sim, é possível”. Despir-me de todo o meu corpo colonizado: aposentar os vestidos, a maquiagem, mudar meu corte de cabelo. Viver sem nenhuma etiqueta. Apre-

der as línguas que o português enterrou. Falar do Brasil, de mim e da nossa vida, com as palavras de gente das florestas.

Escutar os xamãs, rir e dançar com meu povo indígena. Beber da fonte da filosofia sagrada de povos africanos. Ler e escutar todas as teorias que não venham da Europa, nem dos Estados Unidos. Nesse dia, de grande festa, cor e alegria, celebraremos a vida! E em voz alta, um grito incandescente: “Adeus, cara-pálida!

*16 a 18 de maio de 2020*



### CAROLINA FLECHA //

Tenho formação em psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Sou atravessada por essa experiência de acolher e escutar o outro desde 2003. Desde muito cedo, amei os livros e o exercício de escrever. Gosto de criar imagens com as palavras. Faço poemas e contos, que por ora, estão guardados na gaveta...



Eram duas horas da tarde de uma quarta-feira calorenta. Os noticiários somente falavam do coronavírus e das únicas medidas eficazes conhecidas para se proteger: isolamento e higiene pessoal. Seu Antônio cochilava sentado numa cadeira.

Sua vida de aposentado não sofrera tanta mudança com as medidas impostas pela pandemia. De manhã cuidava de sua hortinha, resquício da juventude que passou na fazenda. Pela tarde, ficava a maior parte do tempo vendo televisão. Sentia saudades apenas de poder sair, ver pessoas e resolver suas coisas com mais frequência.

Seria um dia qualquer, se não fosse pelo cutucão dado pela esposa, Dona Margarida:

— Benhê! O Ariovaldo, seu alfaiate, me mandou uma mensagem no Insta. Disse que queria falar com você. Tem uma encomenda que ficou pronta.

Seu Antônio nem abriu os olhos ou se movimentou, escondendo o espanto que sentiu com a notícia. Os dias de quarentena passaram tão arrastados e com tantas preocupações que ele nem se deu conta do Ariovaldo. Não respondeu a esposa, mas imediatamente esquematizou sua estratégia: na próxima vez que fosse sair passaria na alfaiataria para pegar sua encomenda.

Para se ter uma ideia, nunca foi fácil falar com Seu Antônio. Ele não conseguiu acompanhar as evoluções tecnológicas: funcionava à moda antiga. Não tinha um smartphone, muito



menos redes sociais. Seu celular era da época em que sua principal função era fazer chamadas. E olha que ele custou a aceitar ter um telefone portátil.

Na manhã da sexta-feira, resolveu fazer a barba já que pretendia sair para resolver suas coisas. Quando estava terminando o banho, escutou seu telefone tocar. Distante ouviu Dona Margarida atendendo a chamada.

— Oi Ariovaldo! Ele está aqui. Passei o recado sim. Ele deve ter esquecido. Sei. Não, não incomoda! Um minutinho, vou chamá-lo: Benhê! O Ariovaldo no telefone!

Seu Antônio atendeu sério com a voz seca. Dona Margarida que não saiu de perto escutou apenas a comunicação monossilábica entre os dois. Seu Antônio detestava falar ao telefone, sentia-se invadido, sua privacidade violada, ainda mais sob o olhar vigilante dos outros. Preferia a conversa tête-à-tête. Para encerrar a chamada, respondeu de forma ríspida que mais tarde, quando fosse sair de casa, iria pegar a encomenda.

O Ariovaldo sabia bem que havia cruzado um limite. Estava há mais de um mês sem ter notícias do Seu Antônio e isso o angustiava. Antes dessa crise, não ficavam uma semana sequer sem se verem. Faziam quase cinquenta anos que se conheciam. O primeiro contato foi para fazer o terno do casamento de Seu Antônio e Dona Margarida. Depois os encontros foram se intensificando: um ajuste aqui, outro apertão dali. A partir de então foram ficando cada vez mais próximos. Contudo, era uma amizade carregada em segredo. Mais ninguém sabia da intimidade que os dois nutriam além da relação comercial.

26 No meio da tarde, Ariovaldo ouviu palmas e um som abafado chamando seu nome. Pelo olho mágico, viu que era Seu Antônio. Rapidamente, pegou o pacote com a encomenda e abriu a porta. Embora, a máscara escondesse o rosto, Ariovaldo estava emocionado, com os olhos marejados. Seu Antônio estava pétreo, não esboçava qualquer sentimento, como geralmente fazia em público. A máscara o ajudava a ficar mais sisudo.

— Desculpa, meu amor! Não podia ficar mais tempo sem falar com você. Ainda mais com essa doença, que está matando todo mundo. Ficaria louco se algo te acontecesse sem que eu tivesse te visto pela última vez!

Ao ouvi-lo, Seu Antônio se desmanchou, como se seu coração entrasse em erupção.

Ali mesmo, no quintal de frente à rua, eles caminharam um na direção do outro e, num movimento brusco, se abraçaram e se beijaram pela última vez.

*17 de maio 2020*

*Dia internacional contra a LGBTfobia*

### **DANIEL MELO //**

É mineiro e filho caçula de queijeiro e uma professora de matemática. Foi mimado pelas avós. Sua experiência profissional e acadêmica envolvem áreas como segurança pública, gestão cultural, avaliação de projetos e estratégias de comunicação e participação social.



Deu no jornal: fique em casa,  
não saia para a rua, o isolamento é importante.  
Recolha-se! Faça a sua parte!  
Isso vale para todos, não há exceção  
nem para moradores de rua  
têm de voltar pra casa, procurar pelos familiares.

Acho que não sabem, é bom contar:  
quem vive na rua não tem pra onde ir  
não se escolhe morar na rua como quem dorme num hotel  
cama confortável e lençóis brancos  
a rua é quem acolhe toda a gente que não tem  
uma casa bonita não plantou uma árvore nem escreveu um livro.

Use álcool em gel, também deu isso no jornal  
mas o único álcool nas ruas é a bebida que esquenta  
os corpos pelas calçadas nas noites geladas  
às vezes, também serve de apagador de lembranças  
aquelas presas no pensamento  
feito anzol na boca de peixe  
tem outro álcool ainda, não podemos esquecer  
aquele que com fogo e ódio incinera os corpos,  
fazendo respirar aliviada tanta gente.

Hoje muitos vão se recolher porque deu no jornal  
estarão embaixo da ponte, da escada

28 no barraco de madeira, na beira do rio que carrega os res-  
tos da cidade  
nas construções inacabadas, deitados nos papelões  
porque é preciso seguir o aviso:  
fique em casa.

*26 de março de 2020*



**ESTELA LACERDA //**

Vive em Maringá-PR, é professora, doutoranda em  
Letras - Estudos Literários (UEM), mediadora do  
#LeiaMulheres e ex-editora do Homo Literatus.



Na fila do mercado, enquanto fixo os olhos desatenta nas go-  
mas gelatinosas, coloridas, com formatos de minhoca, den-  
taduras e tubinhos.

Minhocas surgem na minha cabeça, parece bizarro mas as  
dentaduras me lembram o sorriso dela.

Aberto.

Com lábios bem vermelhos. Marcantes.

Vermelho cor de sangue.

Vermelho, cor da calcinha de rendinha que eu planejo usar  
quando encontrá-la.

Ela falando com propriedade e sotaque, me cria um nó  
na cabeça.

Vontade de ouvir e beijar ao mesmo tempo.

Não, melhor. Vontade de ir ouvindo e aos poucos aproxima-  
ndo inconscientemente até nossas faces se encontrarem e um  
beijo que começa devagar, molhado e quente seja inevitável.

E que nossas bocas se encaixem de forma que nossos corpos  
se atraíam como ímãs.

E que ao encostá-la na parede mais próxima possível, en-  
quanto dou beijos levemente selvagens em seu pescoço, sua  
respiração ofegante aqueça meus ouvidos.

30 E que os beijos no pescoço criem caminhos perversos, passando por todo busto, e ao tirar sua blusa, minha língua passeie delicadamente por seus mamilos.

E que enquanto seus mamilos entumecidos sejam mordiscados carinhosamente, minhas mãos percorrem suas coxas, firme e forte.

E enquanto minhas mãos se aproximam delicadamente da sua virilha...

“Próximo!!!”

Trago a mente de volta.

E não é que a fila anda.

Vou levar as gomas de tubinhos.

Vai ser a sobremesa após a siririca dedicada a ela.



### **GABRIELA ARAÚJO //**

É uma pessoa que permite se aprofundar em tudo que aquece o coração. Ilustradora e estudante de engenharia, escrevendo pra não enlouquecer.

A morte chegou  
Nesse dia de glória para o país  
A morte chegou  
Pela família pela inocência das crianças pela liberdade.  
Os países vizinhos cavaram fosso  
Em derredor deste trambolho —  
É o que chamamos nacionalismo!  
Uma coisa se

Formou depois de tanto tempo:  
é a cessação de toda esperança  
É o progresso — afinal o progresso!  
E recende a estrume e a sangue.

Todos condenados ao sacrifício pela peste  
Terrível  
Nunca vista

Todos têm de morrer exceto alguns escolhidos  
(Cidades inteiras se infectaram)

A faxina agora será muito mais ampla  
(O golpe foi perpetrado por robôs)

Limpeza nunca vista na história desse país  
Esse país artéria aberta de peçonha  
(Nossos torturadores anistiados exaltados)

Nunca as pessoas se consideraram  
tão inteligentes tão inabaláveis

32 Inabaláveis suas conclusões científicas  
suas convicções morais suas crenças  
As pessoas uniram-se em exércitos inteiros  
e as tropas já em marcha  
Dilaceram-se as fileiras dispersam-se  
Os soldados furam cortam mordem comem uns aos outros.  
(A peste crescia e se alastrava)

O déspota apregoava  
Só se salvariam os puros os eleitos  
E originariam nova espécie  
Todos viam essas pessoas  
em todos os lugares  
ouviam suas palavras  
E elas infectavam-se enlouqueciam matavam-se pereciam —  
Pilhas de corpos e valas comuns: e daí?

O déspota apregoava  
A guerra civil  
Era preciso matar trinta mil fechar o congresso —  
O fervor carola  
O estertor do patriarca emurhecido  
O ufanismo infartado.  
O déspota vestia

A mortalha do futuro e requeria  
Guarda de honra composta de cavaleiros mortos  
Em cavalos mortos mantidos de pé com estacas nas barrigas  
e as patas soltas  
Ao vento.

A morte chegou e  
(Tudo é um só coração: cansado quieto)  
O tempo é: pássaro de natureza vaga



Quando a gente não pode nada se  
Esculhamba e avacalha.

33

16 de maio de 2020



### JEFFERSON DE OLIVEIRA DIAS //

Autor dos livros de poemas *Último festim* (Multifoco, 2013), *Silenciosa maneira* (Medita, 2015, mediante ProAC) e *Qualquer lugar* (no prelo). Tem poemas, contos, traduções e resenhas publicados em periódicos e portais de literatura do Brasil e de Portugal, tais como euOnça (editora Medita) Caliban, Literatura & Fechadura, Germina, Ruído Manifesto, Ponto Virgulina, Torquato, Habitat, TriploV e Gazeta de Poesia Inédita. Ademais, trabalha na tradução do poema *Briggflatts*, de Basil Bunting.



NEM as roupas / eu troco / o casulo  
todos os dias / neles / presa

há algo que me impede / os passos / o futuro  
o que foi que mudou?

eu puxo um trago mas a fumaça me leva  
quando solto  
me sopra pra fora  
(não é permitido)  
só se pode

o dentro

sufocando em meu invólucro / casa / casca  
às vezes penso dentro de meu casulo  
este medo

usar luvas armaduras  
e máscara

(nos olhos)

para não enxergar / o meu / os tantos  
corpos  
enrolados / em panos / como casulos

35

*12 de maio de 2020*



**JÉSSICA CARDIN //**

É paulistana desde 1991. Foi aluna do CLIPE 2018 e escreveu *Para onde atrai o azul* (romance, inédito).  
É pós-graduanda em História da Arte.



A noite foi bem difícil. Ventou muito, mas não choveu. Aliás, faz semanas que não chove. Algumas de nós nunca sentiram a chuva de verdade, desde que nasceram.

O cachorro da família pulou a cerca de novo, e veio até a gente. A minha vizinha não consegue mais parar em pé; acho que foi culpa do cachorro. Mas ela vai ficar bem, todas nós vamos.

Porque, todo santo dia, antes do sol se pôr atrás dos muros, ele vem cuidar da gente. Não sabemos o nome dele, nem quem ele é. Mas sabemos duas coisas:

Ele não é cachorro, porque abre a porteira improvisada com muito cuidado antes de entrar.

E ele não é fazendeiro, definitivamente. Na verdade, acho que ele é o oposto de um fazendeiro.

Mas isso não impede que ele tenha todo o cuidado com a gente. As mãos parecem mais leves do que o próprio vento, e ele até faz parecer que está chovendo. A gente agradece, mas sabe que não é chuva mesmo.

E sempre no mesmo horário, sem falta. Ele sabe que não adianta nos pressionar para além do nosso tempo. Regar demais apenas faria com que ele nos perdesse todas, e o próprio ato de espiar em baixo da terra faria perder o que estivesse nascendo ali.

Então ele espera, paciente, fazendo um pouco todo dia, mesmo sem sinais de sucesso.

Quando tem tempo de sobra, ele fica sentado, olhando pra gente, sentindo o cheiro da terra molhada. Eu mesma, quando nasci, acordei assustada com ele me olhando de perto, sorrindo.

Ele se move pelos canteiros com muita graça, indo pra lá e pra cá. Isso me faz perguntar o que ele faz lado de fora. Será que a vida também é leve e tranquila, fora do cercado?

Assim como os outros, ele passa o restante do dia dentro de casa. Mas não temos como saber o que acontece por lá. A gente só sabe do que acontece aqui, dentro do cercado. E, se esse lugar é um refúgio, então que honra!

Nós o acolhemos, enquanto ele cuida da gente.

*13 de maio de 2020*



### **LESATH SOUZA RAMOS //**

Tenho 20 anos, e sou estudante de Ciência da Computação, na UNESP de São José do Rio preto, e concorrentemente persigo o objetivo de escrever e conferir notoriedade aos meus textos. Estava envolvido com a gravação de um curta metragem, que foi interrompida pela pandemia da Covid-19.



Janelas  
Paisagens ligeiras  
Entre chegadas e saídas da casa  
Na vida de livre circulação  
A vida de antes  
Semanas passavam  
Portas abertas e janelas fechadas  
Lugar de passagem

Rotina mudada  
Vidas em perigo  
Casa dormitório se transforma em mundo  
Abriga trabalho, estudo, encontros  
Janelas que se abrem numa tela fria  
Olhares mediados por largas bandas

Meses de janelas abertas e portas fechadas  
A tela fria perde o encanto  
Quem mora ao lado?  
Paisagens monótonas escondem segredos

Olhares demorados invadindo lares  
Observam  
Ouvidos atentos a mescla de sons  
Escutam

Brincadeiras infantis

Risos

Brigas

Latidos

Gemidos

Gritos

A vida segue

Com amores nem sempre correspondidos

Violências nem sempre denunciadas

Relações que deixam marcas

De cuidado ou violência

Alguns fecharão as cortinas

Para não ver

para não deixar ver

Nem sempre a vida segue

*18 de maio de 2020*



**LISANDRA MOREIRA //**

Professora e pesquisadora na área de Psicologia.  
Experimentando outras escritas. Vivendo em terras  
mineiras, carregando as lembranças da infância  
gaúcha e a brisa do nordeste.



abri as janelas da alma  
lá dentro o sol brilhava  
o vento sereno era calma  
mas lá fora a realidade chamava  
a vida agonizava  
e o mundo pedia o óbvio  
por uma humanidade curada  
por uma coletividade sensata  
de mentes conscientes  
e corações menos inóspitos  
aumentava o número de óbitos  
mas a indiferença seguia calada  
e a hipocrisia autoritária  
sujava de sangue  
suas roupas caras  
quantas mulheres, quantos caras  
agora lutam pra respirar  
e o sistema segue a falhar  
cabe a nós mudar, repensar, pausar e recomeçar  
quando tudo isso passar  
não deixemos nada no lugar  
e nesse caos humanitário  
que ao menos a esperança  
seja a última a morrer  
e a arte alivie o impacto



porque só a vida real  
é de enlouquecer.

41

*12 de maio de 2020*



### **MARIA EDUARDA ÁVILA //**

É uma poetisa baiana de 19 anos, feminista, estudante de Serviço Social e leitora voraz que encontra o seu lar nas palavras. É também criadora do projeto "A Poesia da sua Vida", em que recebe histórias marcantes de seus leitores e as transforma em poesia. Apaixonada pela arte brasileira, assina seus poemas como "Maria Maria", e como na inspiradora canção de Milton Nascimento, mistura a dor e a alegria.



Manaus ocupa o noticiário nacional, caos na saúde, falta de leitos, falta de médicos e enfermeiros, muitas mortes, valas comuns. Mensagens chegando: está em Manaus? Como você está? Estou em Manaus, estou em casa, saio pra quase nada, máscara, álcool 70°, isolamento social.

Cinco anos em Manaus e o choque já passou. Ilhada em meio a Floresta Amazônica sustentei o mal-estar, a sensação de esvaecimento, contagiada por um despovoamento, pela solidão de não pertencer, pude então reconhecer colada em mim a dor do fim do mundo de um povo, despertencido, desterrado, de um povo que aqui viveu e ainda vive. O deslocamento geográfico, deixar uma terra para habitar outra, deportar afetos, expatriar perceptos, me trouxe para o fim do mundo.

Devastação da floresta, queimadas, garimpo, monocultura, pecuária. Ser atravessada pelo choque da potência viva da Amazônia e do poder do capital, encontro de intensidades densas. Constatar que os povos desta terra, nunca se distanciaram da morte, experimentam o fim do mundo diariamente em cada ato de sobrevivência, continuam resistindo e lutando pelo seu modo de vida.

Viveiros de Castro em seu manifesto *Involuntários da Pátria*, problematiza as palavras “índio” e “indígena”, segundo ele “indígena” significa “gerado dentro da terra que lhe é pró-

pria”, o contrário de indígena é alienígena, sendo que no Brasil o contrário de índio é branco. O Estado ao transformar o indígena em “índio”, transforma indivíduos de diversas etnias em cidadãos brasileiros, ao desindianizá-los eles desaparecem enquanto multiplicidade e passam a fazer parte de uma massa pobre e sem-terra.

A pandemia chega no mesmo momento em que sofremos com um projeto necropolítico, o que assistimos é descaso, desassistência, morte. A vida sensível a um vírus que se propaga pelo ar, enquanto alguns seguem paranoicamente as orientações para evitar a contaminação, outros não acreditam que a doença exista. Enquanto isso, a população, essa massa de “índios” são dizimados.

A história se repete, com a diferença que a infecção não seleciona cultura, modos de vida ou classe social. A morte parece estar à espreita de qualquer um de nós. O homem branco que antes era apenas o vetor, agora sofre para combater o agente invisível, alguns são privilegiados, porque mesmo diante da doença e da morte, em uma política neoliberal, tem quem leve vantagem.

Não sinto medo, o choque já passou. O extermínio sempre aconteceu, hoje não será uma etnia, uma língua ou uma cultura indígena que será extinta. Hoje, o fim do mundo será para todos. Antes do Covid-19 chegar, os povos originários já choravam o fim do mundo, já avisavam que o céu iria desabar. Não demora muito, não teremos mais florestas, diversidade de plantas e bichos, não teremos água.

O fim do mundo já chegou e são os povos indígenas, esses que dia após dia encaram a morte, são eles os portadores do

44 antídoto contra a devastação do ambiente e, principalmente, contra a devastação subjetiva que vivemos.

*18 de maio de 2020*



**MARIANA PELIZER DE ALBUQUERQUE //**

Psicóloga Clínica em experimentação com a esquizoanálise, o esquizodrama e as artes visuais. Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Esquizocorpo povoado pelo cerrado de pela Amazônia. Amante das palavras potentes e dos encontros alegres.





**MICHELLE CAMPOS //**

Artista Visual e Arquiteta, profissional transdisciplinar atuante em projetos que contemplam a arte, educação, criação e coletividade. Desenvolve processos criativos e projetos em linguagens diversas como desenho, pintura, muralismo, arte urbana, teatro, xilogravura, fotografia, arquitetura, dança e descolonização do pensamento.



em meio ao pandemônio meu  
filho suga mis pesones  
pássaros voam imóveis ao vírus  
enfermeiras protagonizam minha  
ânsia de viver sem ruminar  
minha prole, inocente a loucura  
imune à tv  
os dados são números  
carícias furtadas somando as faces  
da ausência  
de fé as plantas me ensinando o  
caminho da luz.

— — —

na verdade não te amo  
somente quero o desejo  
de meus lábios  
A magia de sua vulva  
A morte lenta do tédio  
A noite de seus peitos  
O sol de teus olhos  
A luz vindoura de seus pés  
A paz rasante de teu gozo.

— — —

na clausura o sol  
se sente como um afago!  
A vida se vê como uma porta abrindo-se  
Os galhos nos aquecem! fogo arrebatada  
a luz  
as labaredas soam  
como preces  
crepitam batidas  
latente coração bomba o arrebol  
os cosmos  
em nossos peitos  
explodem estrelas, eras, galáxias  
tal a força do ser vivo ínfimo  
que se crê grande  
porém é um acorde  
na sinfonia que é a morte.

— — —

junto, a noite, uma força  
sobre o azul  
lentamente como a misericórdia  
no sentido contrário da tropa  
as cônicas árvores se desvelam  
sinto falta da menina  
que amo  
temo a quarentena  
que parece eterna

a procela me evoca  
com a intenção de abandonar as celas que me circunda  
vivi até aqui  
Agora as grades e portões me guardam  
enclausurada nas paredes  
está uma voz a ecoar em procissão  
guiando o medo deste céu de gente mascarada  
assumindo o calor do calar  
exalando a luz dos olhos  
no púlpito de minha alma  
creio na velhice, desejo o peso dos anos.  
o enfado das rugas  
o ar cansado dos meus ossos  
sobre minhas flácidas mãos o tremor dos gestos.

### PAULA GUARBERTO //



Nasceu em Franca e, entre idas e vindas, lá vive desde então. A liberdade define sua trajetória de vida, escrevendo uma biografia livre do amor romântico. Para Paula, tudo isso só é possível se você se aliar à poesia, se fizer dela o ar que respira ou o alimento que nutre o seu corpo. Paula está no espaço e se planta no verso. Faz emergir as raízes de sua história e reconta, pelas estrofes, que se criou na rua, comeu o pão que o diabo amassou, matou a serpente, fez um cajado e se ergueu imponente. Sobre suas misérias, sapateia feliz, espargindo sementes: verdadeiras palavras.







## PORTA-RETRATO

**Porta-retrato** é nossa seção que serve como lembrança e homenagem. É como ir à casa da avó e prestar muita atenção naquele móvel onde cada membro da família tem seu próprio lugar. Ela os coloca ali, porque ama a lembrança deles. Ela também os coloca ali porque quer que eles saibam do seu amor. E, por fim, ela os coloca ali para que os outros (conhecidos ou não) os vejam e se encantem. **Porta-retrato** é nosso pequeno altar à amizade, à beleza e à coragem.

Por isso mesmo, apresentamos a vocês **Camila Souza**: artista visual, multinstrumentista, produtora cultural, arte educadora, clownmomila, leonina e voz que responde. Aliás, a voz que pergunta é a de **Victor Prado**<sup>1</sup>:

***Antes de mais nada, qual tem sido seu estado mental na última semana?***

Bom, meu estado mental está muito elevado: eu estou me espiritualizando e tomando bastante sol; fazendo carinho em bichos; pintado bastante, criando bastante. Porque a arte e todos estes sentires da presença são meu descanso para a loucura. Então, eu estou bem. Mas as vezes eu choro

---

<sup>1</sup> Mesmo que agora ambas sejam variações das vozes de quem lê.

50 horrores, de soluçar. Só que são menos vezes do que feliz, então está tudo bem. Eu fico pelo menos duas vezes muito triste e o resto feliz. Mas são poucas horas de tristeza, talvez uma... o máximo foi duas.

Toda semana tem um dia que eu choro as minhas dores e as dores dos outros que tem doido em mim.

***Como a arte afeta suas variações de humor e o seu cotidiano?***

Bom, a arte controla minha variação de humor. Me traz paz, calma e concentração. É meu respiro. Sem ela eu fico completamente autodestrutiva, no sentido dos meus sentimentos, e o mundo começa a me afetar. Porque eu me distraio em dores quando eu estou olhando para minha arte. Embora minha arte também doa. Embora parir a arte também doa.

***Você também atua como arte educadora e desenvolve projetos em parceria com a APAE e diversas escolas. Você poderia nos contar sobre quais atividades você tem desenvolvido nesses espaços? Qual a importância deles na sua atuação?***

Bom, a parte mais importante para mim, acho que é essa, essa pergunta sobre a *Camila* arte educadora. Eu falo a *Camila* porque eu sou um monte mesmo, e eu amo todas. Até as mais difíceis. As mais matracas, as mais tristes ou as mais eufóricas, as mais solares, as mais calmas. A arte educação é tudo para mim. Eu só existo porque existe arte educação. Eu só existo na medida em que eu passo o que eu sinto para o outro. E ensinar é a forma mais efetiva e afetiva de fazer isso.



*Arquivo  
pessoal da  
Camila  
Souza.*

Eu estou com a *APAE* desde 2014, que foi o ano em que me formei lá no Rio Grande do Sul em Artes Visuais. Foi meu primeiro emprego pós formatura.

Eu trabalho com a *APAE* com arte educação. E percebi que para estar lá eu preciso falar vários idiomas, porque cada pessoa tem um ritmo, um tempo, uma forma de se mover e de absorver. Então eu desenvolvi um sistema para falar as línguas que eles falam comigo. Ou, pelo menos, tentar falar estas línguas. Tentar abrir meu coração para ver o que eles têm para me dizer para depois eu dizer para eles coisas.

Geralmente, como é arte, eles me procuram muito. Eles gostam dos meus estilos naturalmente, sabe? Sou conhecida como: a Camila de Arte. Eles costumam me gritar: “Camila de Arte, hoje vai ter aula! ”. Eu falo: “Vai! ”, “Não”. E vou eu com meu violão, minha caixa de tinta e minhas infinitas possibilidades, porque numa mesma sala eu dou aula de música, pintura, desenho e as vezes origami, ou, se eu tiver argila, escultura. Eu vou estimulando eles lentamente, sabe?

Para além da *APAE*, eu exerço trabalhos voluntários sociais, desde sempre: eu trabalhei na associação dos cegos daqui de Franca com música e musicoterapia, num projeto em que os cegos cantavam comigo. Lá tem muitos instrumentos. As pessoas de lá me receberam de braços abertos e eu pude viver com eles uns dois anos maravilhosos que renderam até ir para as paraolimpíadas do Rio de Janeiro. Pensa, que incrível!

Depois disso, me envolvi com ações sociais mais individuais: trabalhei em Ribeirão Preto para uma empresa de projetos sociais chamada *Goal Projetos*, onde eu tive um *PROAC* com eles e uma grande equipe de circo linda. Além disso, desenvolvi trabalhos de professora de *clown* para uma pastoral de Franca, e foi maravilhoso. Rendeu dois espetáculos com uma grande produção, enfim. Estas coisitas.

E meu último emprego, e mais incrível, foi com o *IGPAM*, onde eu trabalhei com crianças assistidas pelo conselho, ou até mesmo retiradas para morarem em casas lares que estão espalhadas por Franca. Estas são as pessoas mais incríveis que eu conheci, os adolescentes mais incríveis, sensíveis e artistas. Eu acho que a medida que a vida nos pressiona nós temos uma forma de acessar nossa arte diferente. Lá, todos meus alunos, mesmo em situações muito difíceis, ou escreviam

poemas ou recitavam poemas ou pintam ou customizam roupas, ou praticam algum esporte para se distrair, entende? Eles têm uma ligação com isso, sabe? Eles são muito conectados com a arte. Eu acho que é uma questão geracional também, sabe? Geração mais diferenciada. Tem uma busca maior pela arte porque sabe que a arte é a distração para toda a loucura do mundo. E é uma distração que toca o outro. Então você se distrai, se cura e cura o outro. Olha que bonito!

***Um dos seus vários talentos é a música e, desde 2017, você e o Renato Limb tem lançado trabalhos pela Vou Viver Como Um Animal, sendo que no dia 29 de maio foi lançada a música Resolvi, o single mais recente de vocês. Como surgiu essa parceria e como tem sido o processo de gravação de vocês?***

Sobre meu duo com o Renato Limb, surgiu assim: ele foi tocar na minha casa, na *Toca Artística*. Daí eu recebi ele e eu achei ele muito peculiar, lindo, expressivo, muito puro, analógico e tecnológico. Achei que é puro, que é do coração. A arte do Renato transborda por todo o corpo dele, todas as duas mãos, os dedos, e as letras, e as poesias que ele escreve, e as pinturas que ele faz. Parece que é uma única poética. O cara tem a própria poética! Eu sei identificar um trabalho dele. É muito bonito isso na música.

E eu fiquei apaixonada por ele e ele por mim. Eu convidei ele para voltar, para a gente experimentar um som juntos. Ele foi e nunca mais parou de ir. Isso já fazem três anos, desde 2017. Foi no primeiro evento que fiz aberto para população. Porque antes eles eram só para meus amigos. Aí eu abri a minha casa para a comunidade francana e ele foi compor o primeiro *Manifesto Artístico*. E a partir disso a gente nunca

54 mais deixou de se ver e tocar junto e a gente é muito amigo e aprende muito um com o outro.

O Renato tem um som mais sombrio e eu tenho um som mais solar. Com isso, a gente se mistura, sabe? Como se fosse o lado canceriano da lua com o lado solar do leão. Vou fazer o que, né? Leão e o sol são meus pais, mães e, por isso, as pessoas acham que eu sou metida, mas não. Eu só gosto da luz, do sol, de aparecer. E as pessoas lunares, como o Renato, gostam mais de ficar na lua, ficar na deles, na paz, e tal. Já tivemos vários impasses por isso, só que a gente descobriu um equilíbrio, então está sendo lindo. A gente está mesclando bem, compondo melhor. Ele que compõe as letras. Eu ajudo nos arranjos musicais, nas melodias. Mas ele que grava tudo, edita, produz, publica, posta nas plataformas. Ele é um produtor. Ele é tudo. Tudo da música ele que faz.

Capa de  
Resolvi,  
lançada pela  
Vouu Viver  
Como Um  
Animal em 29  
de maio/2020.  
A arte foi  
concebida por  
@camilasouza  
e  
@felipemontela  
a partir de  
uma foto de  
@matnocera.



***Quando e onde a felicidade apareceu com mais clareza para você?***

55

A felicidade apareceu com mais clareza quando eu descobri o que era tristeza. É muito clichê, mas foi quando eu fui na minha sombra, no limbo da lama da minha existência de depressão profunda, no poço profundo de dor, a felicidade foi a luz a pegar assim na mãozinha do sol e do amor próprio, porque é o amor próprio que nos move. Na hora que eu decidi levantar da minha cama e falar “chega” depois de muito tempo enclausurada na escuridão completamente maravilhosa. Porque ela é confortável, ela dói, mas é confortável. O problema é que ela me deixa sem criatividade, então, hora que eu vi que tinha secado, definhado, apodrecido, putreficado, transmutado como um escorpião e sua água de putrefação, então, nasci de novo. Pode ser a fênix, pode ser a borboleta, pode ser qualquer arquétipo ou analogia que a gente queira fazer, eu percebi o *what the hell?* que que está acontecendo aqui.

Foi um despertar que eu estou tentando controlar porque eu estou muito eufórica. É como se eu tivesse que falar, viver e sentir tudo que eu não vivi durante os meses em que eu fiquei depressiva. Mas passou. Porque a vida é fluxo, então, estou muito feliz. Estou na minha melhor fase — apesar de estar de quarentena. Eu tive o privilégio de guardar um dinheirinho dos meus trabalhos para me manter agora, porque eu não tenho trabalho fixo. Então, descobri que felicidade é simplicidade e não se preocupar tanto.



***Como foram os processos de fazer cada capa da Habitat e como a arte tem te ajudado nesse momento de pandemia?***

A Habitat apareceu no ressurgir de pessoas que eu amo: o *Victor Prado* e a *Lígia Sene*. Mas sempre é o *Victor*, o *Victor* sempre volta. Eu tive uma fase do *Victor* muito boa de teatro, mas foi efêmera. E a gente se separou. E a gente coincidentemente voltou para o teatro de novo juntos, para a mesma turma, sem combinar. E logo veio o convite. Na hora que eu estava ressurgindo. Na hora que eu disse sim para mim, na hora que eu disse sim para os projetos, na hora que eu disse sim para minha vida.



A capa da HABILAT, a primeira, da mulher do pé de pato, é meu autorretrato que representa a minha saída do armário depressivo para o florescer desse novo mundo que habitamos. Então, a HABILAT faz eu habitar minha existência, que é meu corpo, minha mente, meu espírito.





***Para terminarmos, um exercício de imaginação: é domingo, por volta das 17h30, é inverno no Brasil, sua janela está aberta. O que você vê?***

Eu gosto dessa. Do exercício da imaginação.

Quero estar em Pelotas, talvez visitando a cidade. Eu abro a janela de algum lugar que estou e vejo o céu. É inverno. O céu de Pelotas, às 17h30 é muito bonito.

Vejo é um céu laranja, que começa a diminuir seu tom. De um laranja vívido para um laranja avermelhado. Até chegar ao vermelho. O vermelho do céu também vai degradando porque ele começa a encostar num sutil azul da noite. E esse vermelho encostando no azul sutil começa a ficar de que cor? Roxo. E esse roxo é tão sutil e certo que quando se vê, virou azul noite, quando se vê, virou roxo noite, quando se vê estrelou, quando se vê, um leve sorriso de Alice aparece no canto do céu, mas o lugar.

Começo a fotografar o céu com uma câmera muito legal que eu tenho. Eu falo da janela: *mano, eu posso viajar o mundo que for, mas o céu de Pelotas é inexplicável. Ouço, então, uma voz lá no fundo: Amor, vem tomar café.* Eu não sei que voz é essa. Eu não sei o que é meu amor. Mas eu sei que ele vai estar comigo daqui um tempo. Porque esse exercício eu acho que ele é mais para o futuro, do que ele é para agora. Porque agora é tempo de criação para mim. E eu estou gerando para colher de novo, e de novo, e de novo.



são três e quarenta e sete  
e eu reflito sobre a periculosidade  
de se soltar sacolas de compras sob a mesa  
e esquecê-las

um sobrevivente precisa  
esfregar freneticamente  
o invisível

e limpar bem as solas ao passar pelo portão

esforços impensados pelos ocidentais  
cuja preocupação maior  
era a vida sem papel higiênico

são quatro e dezesseis  
e decido higienizar todos os sapatos  
e por de molho as roupas usadas  
e passar a ferro todas as máscaras

olho para os números vibrantes em vermelho

são cinco e três  
lavo as mãos, fumo, lavo as mãos, penso:  
a nova ordem de supremacia mundial  
é ditada por higienistas (?)

eis que um chiado estridente  
de uma rádio mal sintonizada  
me rompe o raciocínio  
modulação de amplitude programada

59

*06 de abril 2020*



### **PRISCILA LUANA //**

Nascida em Palmeira d'Oeste e residente em São José do Rio Preto, SP. Priscila tem 34 anos. É educadora no ensino fundamental, produtora cultural e nas madrugadas escreve contos, poesias, roteiros teatrais, ficção infanto-juvenil. Divide seu tempo entre a maternidade, a escrita e algumas traduções.





**RENATO LIMB //**

É artista plástico / músico / compositor / cantautor e um dos animais que formam a *Vou Viver Como Um Animal*, banda de *freakfolk* pra quem não se conforma.



Corpo cansado  
Consumido pelas amarguras dos dias reincidentes  
Equilibrava-se entre cômodos fartos de antigas mobílias  
Disputava por um espaço, um desabafo  
Uma fresta de sol

Na avenida da vida, palcos e luzes  
Holofotes perseguiam os seus pés alados  
Dois para lá e dois para cá  
O seu corpo junto ao dela flamejava liberdade  
Ao som de vozes piegas clamando por amor

Forçada a manter-se nos bastidores  
Tinha receio de acostumar-se com a penumbra  
Com o deserto  
Com o grito abafado  
E o corpo desabitado

Então, dançou no silêncio  
De mãos dadas com a solidão  
Fez ciranda com a vida e a morte  
Mergulhava no desconhecido da sua emoção

Reocupou o seu corpo  
Abandonou coreografias  
Movimentou-se em improviso

62 Grafias inesperadas em tempos de dissolução

O corpo em dança  
Era a sua própria revolução

*18 de maio de 2020*



**VIVANE MARTINS CUNHA //**

Sou mineira, nascida em Sabará. Encantada pelas palavras e histórias das pessoas. Faço doutorado em psicologia na UFMG e estudo o genocídio negro brasileiro. No mestrado, me reencontrei com a escrita e a literatura e, desde então, têm sido meu refúgio em dias nublados.





Ao clicar na imagem, você poderá conhecer o processo de  
feitura da capa pela talentosíssima Camila Souza

# PUXADINHO

Nesta segunda edição do *Puxadinho*, você encontrará textos que são frutos, diretos ou indiretos, deste tempo, feitos por:

ALÍCIA OLIVEIRA /

ÁLVARO SOUZA MAIOTTI /

ANA CLARA FONSECA /

ANDRÉ RODRIGUES PÁDUA /

BRUNO CALDEIRA /

CARLILE MAX DOMINIQUE CERILIA /

CINTIA LUANDO /

CLEMENTINO BALSA /

DANIEL COSME /

ERIKA TAYNA GONÇALVES MEDEIROS /

FABIANA CAROLINE GALVÃO /

GEOVANE BIANQUE /

GUSTAVO MAGALHÃES /

GYZELLE ALMEIDA DE ARAÚJO GÓES /

HENRIQUE PARIZ FILHO /

ISABELA LOVATO /

JAMILLE DE SOUZA NUNES /

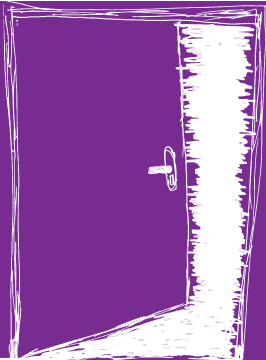
JOELMA SÍLVIA DE SOUSA RODRIGUES SANTOS /

LAÍSA COSTA /

LORENA SILVA GOMES /

LUCAS DIAS DIONÍSIO /





MANUEL VERONEZ /  
MÁRCIA FERNANDES /  
MARCUS VINÍCIUS /  
MARÍLIA BOTELHO SOARES DUTRA FERNANDES /  
NAIANA MUSSATO AMORIM /  
NAYEN TENANI /  
PAULO BERI /  
RENATA MOCELIN /  
RODRIGO DANTAS /  
VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ /  
VINÍCIUS VIEIRA GALVÃO &  
YANDARA OLIVEIRA

Um forte abraço virtual e até já,  
Gabriel & Lúcia & Victor

## Artefato Edições

rua dos uirapurus, 187  
jardim primavera 14404 030  
franca sp  
brasil

[+55] 16 981 895 764

[www.artefato.art.br](http://www.artefato.art.br) / [conjuntoartefato@gmail.com](mailto:conjuntoartefato@gmail.com)

comissão editorial // gabriel galbiatti nunes & lígia sene & victor prado  
assistência editorial // nayen tenani  
projeto gráfico // victor prado  
capa // camila souza

Respeitando as variantes do português, a coordenação editorial decidiu manter a grafia original de cada texto, segundo a escolha da/o respectiva/o autor/a e tradutor/a.

habitat, 03 // franca, sp: artefato edições, 2020. 68 p. ; A5.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. 3. Prosa brasileira.

CDD B869.8



**HABITAT** é nossa publicação digital / emergencial / gratuita / de periodicidade indefinida. Ela se utiliza da Licença Creative Commons - Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC).

edição 03 / junho / 2020



[artefato.art.br](http://artefato.art.br)